

REVISTA
PORTUGUESA
de HISTÓRIA

tomo XXXI

**Homenagem ao Doutor
Salvador Dias Arnaut
Volume II**



COIMBRA 1996
FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

LIBERALISMO E INDEPENDENCIA. OS EXILADOS ITALIANOS EM PORTUGAL (1820-1850)*

ISABEL NOBRE VARGUES
(*Universidade de Coimbra*)

«Quando considero as dificuldades físicas e morais que as outras nações encontram para estabelecer o regime constitucional, não posso deixar de me revoltar contra o destino que persegue a minha bela pátria, Há no mundo uma terra mais apropriada para fazer medrar e preparar a árvore da liberdade?»

(Giuseppe Pecchio, Carta de 26 de Fevereiro de 1822, in *Tremesiin Portogallo*, Madrid, 1822, publicado nos *Scritti Politici*, Roma, 1978, p. 63).

Liberdade e independência

A ruptura política que representou a introdução do liberalismo em Portugal na 1.ª metade do século XIX passa por uma nova valorização do conceito de liberdade, considerada, desde então, como um dos mais amplos direitos humanos.

* O presente estudo retoma o tema da comunicação que apresentei no Encontro sobre os Imigrados na sociedade portuguesa, em 3 de Junho de 1993, organizado pela Fundação das Casas de Fronteira e Aloma e realizado no Palácio Fronteira.

Com efeito, desde os anos vinte que os liberais europeus (Portugueses, Espanhóis, Franceses, Ingleses, Italianos, Gregos e outros), isoladamente ou não, encetaram um longo combate, por vias distintas, mas irmanados na esperança de construir uma «santa aliança dos povos», de povos livres, face à opressora, segundo a sua óptica, «santa aliança dos Reis» instituída em 1815.

Os seus ideais de liberdade e de independência política despertaram sentimentos nacionais e alicerçaram vários combates: as lutas de libertação contra povos opressores (Gregos contra Turcos e Italianos contra Austríacos); as lutas dos povos colonizados contra os seus colonizadores (o México e a Argentina na América latina são o melhor ex.); e ainda os combates contra os regimes monárquicos tradicionais, «góticos» segundo a sua expressão, no Piemonte, em Nápoles, Espanha e Portugal.

A Europa meridional vê então estabelecerem-se regimes liberais após uma sequência de movimentos revolucionários mitificados como momentos fundadores do liberalismo e do constitucionalismo e como momentos construtores de um renovado ideal de cidadania, enfim, de uma nova interpretação da liberdade, mesmo que esta surja inicialmente apenas como uma palavra ‘mágica’ ainda despojada do seu maior significado socio-cultural.

Exílios liberais

Todos esses movimentos, rodeados de uma intensa agitação política que também se revestiu de um sentido nacional e patriótico, ocorreram fundamentalmente ao longo dos anos 20-50 do século passado. Todos eles, também, sofreram avanços e recuos. O que necessariamente gerou teias de solidariedades e cumplicidades explícitas entre liberais obrigados ao exílio. Nessa nova vivência humana forja-se um novo cosmopolitismo quando se dá o encontro

entre todos os que se viram perseguidos e refugiados em terras distantes.

Para eles o(s) exílio(s) tornaram-se algo mais que meios de sobrevivência e de aprendizagem. Herculano, um exilado português em França e Inglaterra, interpretando, anos mais tarde, a revolução liberal portuguesa — no seu interessante estudo redigido em francês «Mouzinho da Silveira ou la Révolution portugaise» (1852) — valorizava o sentido do exílio como uma vivência positiva e revigorante: «L'air de l'exil est bon à quelque chose; ça retrempe les nerfs».

Como genericamente o mostram os escritos e actividades dos imigrados liberais, nos seus exílios, fortaleceu-se a esperança de ver ou tomar a ver realizados os ideais por que combatiam. Movia-os essencialmente a salvaguarda ou a reconquista das liberdades nas suas pátrias ameaçadas. E alimentavam espiritualmente ou através de acção militar, nas difíceis condições dos seus quotidianos, o desejo do rápido regresso, o que nem sempre se verificou.

Londres, Barcelona, Gibraltar fervilham então com a presença de liberais exilados. Ai, e em outros centros urbanos, disseminam-se facilmente associações secretas que, pela sociabilidade de compromisso que geram, são meios singulares que permitem aos exilados traçar planos de uma actuação comum (carbonária, maçonaria, *comuneros*).

Assim como é então que se acentua a ideia de uma Europa liberal, unida politicamente, tal como o sugerem os títulos da imprensa coeva: o *Courrier de l'Europe* (em Portugal antes de 20, o *Correio da Europa*); *El Europeo* de Barcelona (a revista com características românticas em Espanha e que se publicou de Outubro de 1823 a Abril de 1824, redigida pelos exilados italianos Luigi Monteggia (o bardo da emigração, autor de um *Inno*) e Fiorenzo Galli); a *European Review* de 1824, onde colaboram

espanhóis, além de italianos e franceses, ou ainda *L'Europe Littéraire* de 1833 a 1834, a interessante revista do cosmopolitismo romântico, onde Balzac foi um dos accionistas e onde colaboraram V. Hugo e H. Heine e que sucedeu à *Literatura Europeia* de Mazzini em 1829.

«A Europa romântica é a Europa das nacionalidades, mas o sentimento nacional não se dissocia da dimensão europeia e universal» (M. Ribeiro, 1991, p. 289). Assim como, no caso português, o sentimento nacional também assumiu uma vertente ibérica em alguns projectos políticos liberais e isso é visível em títulos da imprensa que surgem nos primeiros anos do século XIX: *O Correio da Península* (1809-10), a *Revista Peninsular* de Madrid (1838); a *Revista Peninsular* de Lisboa (1848); a *Revista Peninsular* de Lisboa (1855); e a *Revista Ibérica* projectada por Valera e Latino Coelho em Lisboa em 1853.

Mas é a Península Ibérica, a Grécia e a América latina que fazem despertar uma maior curiosidade aos exilados liberais de outras nações.

A Grécia e a América latina porque surgem como extraordinários campos de actuação militar para os inúmeros soldados e combatentes liberais. «Espírito guerreiro e glória militar aparecem como componentes do ideal nacional e como atenuantes dos efeitos do despotismo» (M. Ribeiro, 1991, p. 290).

Não devemos ignorar o importante movimento filo-helénico que se gera entre os liberais europeus. Quase que somos tentados a ver aí o ressuscitar da ideia de 'cruzada' contra o infiel personificado agora no Turco. Bastaria evocar o nome de Byron, não como literato mas sim como o herói-soldado, romanticamente dando a vida pela liberdade da Grécia nesse distante combate de Missolonghi.

A Península Ibérica surge aos exilados políticos de outras nações como um reduto do liberalismo e por tal uma atracção a que muitos se rendem, escolhendo-a quer como refúgio quer como campo de

acção.

Mas esse êxodo tornou-se mais expressivo entre os italianos (piemonteses, napolitanos, milaneses) certamente pela singularidade da sua diáspora e pela identificação ao seu próprio processo político que sentiam existir em Espanha e Portugal.

Os liberais italianos imigrados em Portugal

É evidente que em Portugal já encontramos radicados alguns italianos antes de 1820 cujos contributos não devem ser esquecidos. Lembremo-nos, por exemplo, de professores (Franzini), architectos (L. Chiari), cenógrafos (Schiopetta), proprietários (A. Marrare), e, no mundo artístico, onde sobressaíram as várias companhias líricas italianas que actuaram entre nós nos seus espectáculos em S. Carlos e no Teatro de S. João. Mas aqui interessam-nos particularmente os que se destacaram na acção política liberal.

A excepção dos que se radicaram entre nós antes de 1820, outros permanecem como imigrados, desde essa data, quase sempre com o estatuto de meros observadores durante pouco tempo e sempre como complemento de uma anterior passagem por Espanha ou de uma futura deslocação para a Grécia ou América latina. Podemos assim destacar três momentos no século passado em que a sua presença se tomou relevante entre nós: 1820-23; 1832-34 e 1840.

1. Em 1820-1823:

A euforia revolucionária do primeiro momento liberal português foi vivida quer por italianos radicados em Portugal quer por italianos exilados entre nós desde esse momento.

Entre os primeiros, cujos nomes são hoje praticamente ignorados, quero recordar o compositor teatral Cario Coccia (napolitano nascido

em 1782 e falecido em Novara, em 1873) e o advogado romano, A. de Dominecis. Coccia actuou em S. Carlos. A sua criação musical, semelhante à composição teatral de Rossini, não foi tão bem acolhida porque foi ofuscada por a desse genial vulto que entre nós teve enorme popularidade, como revelam as interessantes crónicas da vida cultural e musical portuguesa insertas na *Allgemeine lische Zeitung*: Coccia foi, no entanto, o autor do mais famoso hino político da Revolução de 1820, cantado pela 1.^a vez no T. S. Carlos (18 Set. 1820) nos festejos que em Lisboa celebraram o movimento liberal lisboeta de 15 de Setembro. O hino era a parte final de uma cantata alegórica «O génio lusitano triunfante», que se tomou uma canção de moda popular. Várias vezes os seus versos foram glosados em outras composições poéticas e, apesar de outros hinos, este permaneceu na memória liberal. A letra, da autoria de João Baptista Hilberath, mitificava, como tantos outros textos da época, a constituição. Foi, no entanto, uma má peça poética, como o julgava outro exilado, G. Pecchio: «A música do hino é bela, se bem que seja mais sentimental do que guerreira, mas a poesia é indigna da pátria de Camões».

Arcângelo de Dominecis, advogado, mação, romano, naturalizado português desde 1801, também se solidarizou com o processo revolucionário liberal português. Para além de colaborador no *Astro da Lusitânia* e de ser autor de um texto onde defendeu a liberdade da imprensa (1821), foi o inventor das mais importantes imagens históricas que alegoricamente fixaram o movimento revolucionário vintista: as séries de estampas alegóricas que apresentou como «obra histórica da Regeneração», «dedicadas à excelsa soberania das Cortes Portuguesas». Ter-se-ão executado 6: à Lísia oprimida, à Constituição Portuguesa. Aos dias 24 de Agosto, e 15 de Setembro, 1 de Outubro de 1820 e 26 de Janeiro de 1821. Colaboraram António Manuel de Fonseca, que executou os desenhos, e Constantino Fontes, «o

gravador oficial para comemoração dos factos de carácter político-militar» (E. Soares).

Outro nome que então sobressaiu na sociedade liberal portuguesa foi o do veneziano Adriano Balbi. Este cientista, geógrafo e professor, esteve entre nós cerca de 10 meses para ultimar o seu monumental esforço de completar uma estatística europeia. A Balbi, que se interessou na defesa da nação portuguesa, devemos o *statistique*, um dos mais interessantes textos científicos e culturais sobre o Portugal vintista, construído a partir das generosas e solidárias informações que lhe foram fornecidas pelos intelectuais e altos responsáveis das várias instituições a que recorreu.

Entre os muitos italianos que vieram para Portugal com o estatuto de exilados após a queda do constitucionalismo em Nápoles e no Piemonte, destacaram-se os militares, Guilherme Pepe, Vincenzo Pisa e os condes Giuseppe Pecchio e Giacinto Provana di Colegno. Este grupo inicial, ligado à implantação da sociedade secreta dos «Europeus», ou «Regeneradores Europeus», que intentaram disseminar na Península Ibérica e Inglaterra, e também ligados à Carbonária, desenvolveu contactos especiais com os liberais portugueses e deixou-nos disso testemunhos importantes nas várias observações diárias e memórias.

Guilherme Pepe, general piemontês, chegou acompanhado do coronel Vincenzo Pisa, em Julho de 1821. São acolhidos por A. Marrare e pelos deputados vintistas. Estes concedem excepcionalmente um auxílio pecuniário a Pepe em virtude de ter sido roubado em território português. Pepe ocupou-se principalmente na acção de propaganda da associação secreta e para além do contacto com os deputados (Morais Pessanha, Ferreira de Moura) também o fez com militares (Sepúlveda) e ministros (Silva Carvalho e M. Gonçalves de Miranda). De Lisboa dirigiu-se a Londres, novamente a Lisboa, depois a Madrid em 1822. Nesse ano os constitucionais

portugueses quiseram homenageá-lo com um banquete comemorativo da data de 24 de Agosto. Mas tal evento não se realizou, dada a impaciência de Pepe nos seus contactos com outros liberais, o que lhe impôs nova deslocação para Madrid e à Grécia. Em 1823 saiu da Península para Londres, pois mudara a cena política. Pepe deixou-nos nas suas interessantes *Memórias* sinais evidentes da sua actuação política cosmopolita.

O milanês Guiseppe Pecchio tomou-se um admirador incondicional da Espanha constitucional e a sua atenção também se voltou para Portugal, onde permaneceu 3 meses em 1822. Dessa experiência existe um curioso relato, publicado nos seus escritos, com o nome *Tre mesi in Portogallo*, onde deixou imagens notáveis dos costumes e das novas instituições liberais entre nós, sob a forma de cartas onde expende também juízos e afirmações do seu credo político e onde está sempre presente a referência à pátria abandonada.

O conde Giacinto Provana di Colegno, amigo e conselheiro do então príncipe Carlos Alberto, fora um dos promotores da revolução no Piemonte. Exilado, tem vários encontros com outros liberais em Inglaterra, Espanha e Portugal, no sentido de promover a união política, tal como o expressou no seu Diário.

Evidentemente que em 1823, após a Vilafrancada, a situação política não proporcionava já um asilo hospitaleiro aos liberais exilados e poucos ficaram em Portugal.

2. Em 1832-34:

D. Pedro preparou em França e nos Açores a expedição liberal contra o Portugal miguelista. Recorreu também a estrangeiros e organizou um corpo de voluntários entre os emigrados, ao qual pertenceram muitos italianos exilados.

Entre eles destaques, a título de exemplo, Caetano Borso di

Carminati, prófugo genovês já desde 1821 e que fez parte do estado-maior do gen. Solignac. Nos combates, após o desembarque no Mindelo, no cerco do Porto, Carminati salientou-se no combate do dia de S. Miguel (29 Set. 1832) sendo por esse motivo homenageado por D. Pedro com a ordem da Torre e Espada.

Distinguiram-se ainda os irmãos Durando, Francesco Anzani, amigo de Garibaldi, que também se destacou em combate e foi recompensado pelo brio militar que revelou, assim como muitos outros exilados italianos que se integraram nas fileiras liberais que em Portugal pretendiam vencer as forças do absolutismo. Certamente que muitos não eram movidos apenas pelo generoso impulso de um combate pela liberdade, mas sim por um propósito prático de ocupar uma ociosa vida de emigrado e, fundamentalmente, para se aperfeiçoarem na arte da guerra, acalentando a esperança de um dia usar essa experiência em proveito da pátria italiana. No entanto, também o papel dos italianos exilados e voluntários no Cerco do Porto não deve ser minimizado, pois muitos também foram os que aí viram uma possibilidade de lutar em nome da sagrada causa da liberdade, pela qual chegaram a morrer no campo de batalha.

Em 1834 chega a Portugal mais uma leva de exilados italianos em consequência da derrota do movimento mazziniano da «Jovem Itália». Alguns integraram-se no exército português liberal, no Regimento de Caçadores do Porto, onde Carminati alcançara uma patente de chefia.

3. De 1840 em diante:

Depois da vitória liberal em Portugal, em 1834, diminui a presença de exilados italianos entre nós, embora continuem a registar-se, nos anos seguintes, algumas presenças significativas. Por exemplo, a de Césare Perini em 1837, o qual desempenhou um novo papel na

sociedade portuguesa, onde se integrou. Admirador de Castilho, relacionou-se com o meio intelectual e chegou a ser professor de declamação no Conservatório e, simultaneamente, um autor de dramas. E o Conde Gigliucci, anos mais tarde, que foi sócio do Grémio Literário. Ou ainda é de notar a presença do carbonário Simão Gattai, uma personagem cuja singularidade foi acentuada por Bulhão Pato, nas suas *Memórias*.

Em 1840 vem para Portugal Luigi Tinelli. Tinelli participara na conspiração mazziniana de 1833 e por isso fora condenado, vendo-se obrigado ao exílio na América. É como representante do governo americano que é nomeado cônsul no Porto. Aí intenta reorganizar o movimento de Mazzini, a «Jovem Itália». A Tinelli no Porto e a Perini em Lisboa chegavam os números do jornal de Mazzini, o *Apostolato Popolare*, destinado à educação moral e política do operariado. No Porto, outro exilado (Carradori) chegou a organizar uma sessão da «Jovem Europa», movimento que também fora ideado por Mazzini. Viviam-se então momentos de intensa propaganda política patriótica e internacional.

Em 1842, Costa Cabral liderou a revolução que restaurou o cartismo em Portugal. E a oposição a Costa Cabral iniciou-se com violentos artigos na imprensa. Exilados italianos como o Gen. Ramorino e outros foram expulsos do país por apoiarem a oposição a C. Cabral. A um italiano, Angelo Frondoni, se ficou a dever a música de um dos mais célebres hinos políticos do século XIX. Referimo-nos ao hino da Maria da Fonte, que compôs em 1846, adaptado aos versos populares que corriam na época sobre a Revolução da Maria da Fonte. Frondoni nasceu em Parma, em 1812, e veio para Portugal convidado pelo não menos célebre barão de Quiniela, conhecedor da sua fama de excelente músico. Foi no teatro de S. Carlos que se estreou em 1838 e em Portugal viverá perseguido, depois de 1846, por ter sido o autor do livro do hino de Maria da Fonte, canto político

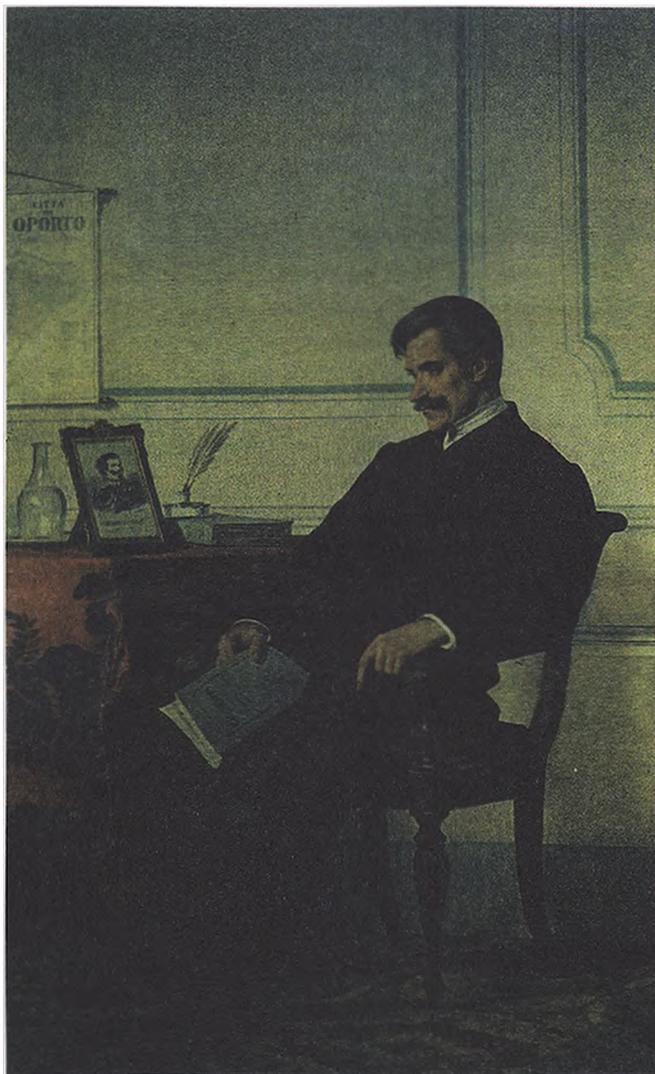
logo proibido. No entanto, o célebre hino popularizou-se e foi interpretado ao longo do século passado por inúmeras bandas filarmónicas. Com a proclamação da República foi adoptado como hino ministerial. Frondoni não assistiu já a este final, porque faleceu em 1891, mas em Portugal fez parte dessa geração socializante dos meados do século que tao bem contribuiu para a definição da liberdade entre nós.

O número de exilados italianos vai diminuindo em Portugal. Para isso certamente contribuiu a eleição do Papa Pio IX (1846), que concedeu uma larga amnistia a todos os condenados políticos, benesse que muitos aproveitaram regressando a Itália. Contudo, o nosso País vai receber ainda um exilado excepcional: Carlos Alberto.

O rei—verdadeiro soldado e herói romântico— forçado a abdicar do trono italiano, exila-se voluntariamente no Porto em 1849. Aí viveu três meses em constante amargura e desânimo, atitudes que em breve o conduziram à morte na casa de Entre Quintas. Hóspede «incómodo» para a coroa portuguesa, foi no entanto bem acolhido então pela sociedade. A sua morte, se foi chorada por italianos (Luigi Cibrario ou Bindocci), foi-o também por portugueses (Mendes Leal e A. T. de Macedo), que nesta figura sempre viram o príncipe da liberdade dos povos e o «fundador das instituições liberais, mártir da independência italiana». Lembro ainda, a propósito, que esta mensagem é visível na saudação académica que cerca de dez anos depois Antero de Quental (em 1862) endereçou ao príncipe Humberto de Itália, em visita a Coimbra, saudando nele o seu antepassado, o herói infeliz, atitude que também é visível no poema anterior «Portugal e Itália».

E concluo aqui pensando ter contribuído para vos recordar alguns exemplos de figuras imigradas entre nós injustamente esquecidas, mas cuja presença alicerçou laços de solidariedade e favoreceu singularmente a construção da liberdade em Portugal, pois, como já

o disse Herculano em palavras que creio ainda hoje certas: «a liberdade não é tanto um fim como um meio; quer-se a liberdade não tanto para as nações serem livres como para serem felizes» (*voz do Profeta*). E esse foi, indiscutivelmente, um dos objectivos políticos mais caros às gerações liberais do século passado.



CARLOS ALBERTO NO PORTO
(Óleo sobre tela de Antonio Puccinelli, c. 1865, 250 x 168
cm. - *Bolletino del Museo del Risorgimento*, Bolonha,
ano XXXVIII, 1993)

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Estudos:

- Ersilio Michel, «Esuli politici italiani in Portogallo. 1815- 1861», *Relazione storiche fra l'Italia e il Portogallo*, Memorie e Documenti, Roma, Reale Accademia d'Italia, 1940, pp. 443-468.
- Emilia Morelli, «La Costituzione americana e i democratici italiani dell'ottocento», in *Rassegna Storica del Risorgimento*, 1989, pp. 427-444.
- Aldo Garosci, «Gli scritti di Pecchio», *R.S.R.*, 1980, pp. 131-140.
- Luciano G. Rusich, «Esuli dai moti carbonari del 1820-1821 nel Messico», *R.S.R.*, 1984, pp. 419-437.
- Luis A. de Oliveira Ramos, "Italianos na génese do liberalismo em Portugal (algumas observações)", *Estudos em homenagem a Jorge Borges de Macedo*, Lisboa, I.N.I.C., 1992, pp. 417-431.
- Daniilo Veneruso, «Garibaldi e l'Europa. Un progetto di unificazione europea», *R.S.R.*, 1982, pp. 156-181.
- Maria Manuela Tavares Ribeiro, «Utopismo, internacionalismo, pacifismo» in *Estudos de História Contemporânea Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1991, pp. 289-301.
- Vitorino Nemésio, *Exilados. 1828-1832*, Lisboa, Liv. Bertrand, s.d. [1946].
- V. Llorens Castillo, *Liberales y Románticos. Una emigración española en Inglaterra (1823-1834)*, México, Fondo de Cultura Económica, 1954 (1.^a ed.).

Estudos e fontes:

Sobre A. Balbi:

- A. Balbi, *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve...*, 2 tomos, Paris, Chez Rey et Gravier, 1822.

Sobre G. Pecchio:

- Giuseppe Pecchio, *Scritti politici*, a cura de Paolo Bernardelli, Roma, Istituto per la Storia del Risorgimento Italiano, 1978.

José Pecchio, *Cartas de Lisboa. 1822*. Int. e notas de Manuela Lobo da Costa Simões, Lisboa, Livros Horizonte, 1990.

Sobre G. Pepe:

J. F. Henriques Nogueira, *Obra Completa*, Tomo I, pp. 249-254.
Diccionario biografico del Trienio liberal, dir. por A. Gil Novales, Madrid, 1991, p. 513.

Sobre o hino de 1820:

Manuel Carlos de Brito e David Cranmer, *Crónicas da vida musical portuguesa na primeira metade do século XIX* Lisboa, INCM, 1990.
Cancioneiro de César das Neves.

Sobre Caetano Borso di Carminati:

O Conimbricense, 1873, n.ºs. 2714 e 2741.

Sobre a saudação de Antero ao rei Humberto de Itália:

A. Ferreira e M. J. Marinho, *Antologia de textos sobre a «Questão Coimbrã»*, Lisboa, Moraes Edit., 1980, p. 28-29.

Sobre Carlos Alberto:

Giovani Antonio Luigi Cibrario, *Ricordi d'una missione in Portogallo al re Carlo Alberto*, Turim, 1851.

J. M. da Silva Mendes Leal, «A morte de Carlos Alberto Rei de Piemonte», in *Cânticos*, pp. 327-3 32.

J. Ramos Coelho, «A sombra de Carlos Alberto», in *Novas Poesias, Obras Poéticas de...*, pp. 89-93 e nt. pp. 777-782.

Antonio Bindocci, *Carlo Alberto in Oporto*. Poema dedicato a S. M. Ferdinando II, re del Portogallo, Lisboa, Tip. de J. J. A. Silva, 1853.

Egídio Da-Fieno, *Breves noções a respeito da vida, viagem e morte no Porto de Carlos Alberto; assim como do funeral, cerimonia da transladação, e*

recepção das suas reliquias no Piemonte, ou Paralelo de demonstração nacional feito em honra do Grande italiano por..., Trad. de A. T. de Macedo, Porto, Typ. Commercial, 1850.

Artur de Magalhães Basto, *O Porto do romantismo*, Coimbra, I. da Universidade, 1932, (cap. XIII - O último acto de um grande drama, pp. 145-162).

Joaquim Leitão, *A beleza venceu* (ciclo glorioso de Carlos Alberto e do Risorgimento), sep. do Boletim Cultural da C. M. do Porto, vol. II, Fasc. III, Set., Porto, 1939.

A. Monti, «Carlo Alberto a Oporto», in *Relazioni storiche fra l'Italia...* cit. pp. 469-482.